

## A REPRESENTAÇÃO DA EXAUSTÃO MATERNA DURANTE O *HOME OFFICE* NA SÉRIE “TRABALHANDO EM CASA”, DO GRUPO PORTA DOS FUNDOS

Ana Paula Severino<sup>1</sup>

Luiz Rogerio Camargo<sup>2</sup>

### RESUMO

Este projeto teve por objetivo investigar de que maneira a exaustão materna, sobretudo durante a pandemia de Covid-19, é retratada na série de vídeos “Trabalhando em Casa”, do grupo de humor Porta dos Fundos. A partir de estudo bibliográfico, sobretudo das teorias de Sigmund Freud e Henri Bergson sobre o riso, bem como da análise de dados com base nos vídeos, foi feito um levantamento das situações mais recorrentes na dinâmica do materno com o trabalho feito em casa, identificando princípios e procedimentos adotados na produção dos vídeos a fim de gerar o efeito de comichão.

**Palavras-chave:** Porta dos Fundos. Exaustão Materna. Home Office. Trabalho Remoto. Covid-19.

---

<sup>1</sup> Aluna do 4º período do curso de Letras - Português e Inglês da FAE Centro Universitário. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica (PAIC 2022-2023). *E-mail:* ana.paula.severino@mail.fae.edu

<sup>2</sup> Orientador da Pesquisa. Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná. Professor da FAE Centro Universitário. *E-mail:* luiz.camargo@fae.edu

## INTRODUÇÃO

Pensando em como retratar – pelo viés humorístico – o fenômeno do *home office* durante a pandemia de Covid-19 e todas as questões que o envolvem, o grupo de humor Porta dos Fundos produziu uma websérie de seis vídeos intitulada “Trabalhando em Casa”. Nela, os colaboradores de uma empresa que vende malas se reúnem para discutir os rumos dos negócios, procurar soluções para problemas do cotidiano empresarial e até mesmo organizar um *happy hour*, entre outros aspectos típicos de um ambiente de trabalho. Na série, destacam-se os principais desafios enfrentados pelos funcionários que foram obrigados a executar suas funções de forma remota. Conforme a descrição da *playlist* do canal:

Na série *Trabalhando em Casa*, Marcos é o chefe que precisa coordenar sua equipe de funcionários que não conseguem separar o que é *home* do que é *office*. Pegos de surpresa pela pandemia, a rotina desse escritório de uma fábrica de malas agora se resume a *calls* intermináveis, internet ruim, microfone falhando e funcionários de pijama. Logo surgem os clássicos conflitos e problemas de comunicação dos tempos de quarentena. Mas as fofocas de corredor e o *bullying* corporativo permanecem. (PORTA DOS FUNDOS, 2020)

Sempre em tom humorístico, os vídeos retratam os mais variados momentos de uma rotina em que trabalho e assuntos domésticos se misturam, tais como a vestimenta improvisada para o expediente, o retrato das intimidades do lar durante as reuniões, o comportamento nem sempre adequado de determinados colegas etc. Tal retrato permite uma análise dos sintomas do tempo e, conseqüentemente, uma reflexão crítica sobre a dinâmica atual do trabalho e da sociedade digital.

Conforme Domenico De Masi, sociólogo italiano, o trabalho no século XXI é cada vez mais baseado no conhecimento e na criatividade, e menos em atividades manuais e repetitivas. O ócio criativo, termo cunhado pelo autor, é quando “estudo, trabalho e jogo acabam coincidindo” (MAIS; PALIERI, 2004, p. 15), ou seja, quando há harmonia entre as esferas do trabalho e do tempo livre.

Para De Masi, ao dedicar tempo a atividades criativas, as pessoas desenvolvem habilidades importantes, como comunicação, pensamento crítico e resolução de problemas, as quais são valiosas tanto no universo corporativo quanto nas demais áreas da vida (MAIS; PALIERI, 2004, p. 329).

Tal perspectiva dialoga criticamente com o início e com as piores fases da pandemia de Covid-19, quando medidas de restrição à circulação e à aglomeração de pessoas foram recomendadas por órgãos de saúde internacionais e estabelecidas em muitos países, inclusive no Brasil. Nesse cenário, o trabalho remoto foi uma solução

encontrada por diversas empresas para que os colaboradores pudessem continuar a exercer suas atividades sem prejudicar sua saúde e disseminar o vírus.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 9,1% da população ocupada que não estava afastada (7,3 milhões de pessoas) havia aderido à modalidade de trabalho a distância, sendo a maioria do Sudeste e Centro-Oeste, da cor branca e com ensino superior completo (IBGE, 2020).

Com o aumento do trabalho remoto, um tema começou a aparecer com mais frequência nas discussões atuais, formais e informais: a sobrecarga de funções. De acordo com uma pesquisa realizada pela Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo (FEA-USP) e pela Fundação Instituto de Administração (FIA), apesar de a maioria dos trabalhadores escutados (78%) estar satisfeita com o *home office*, muitos disseram estar trabalhando mais horas de casa do que quando estavam no escritório (FISCHER et al., 2021).

Nesse contexto, é fundamental destacar o impacto dessa modalidade de trabalho para as mulheres durante a pandemia de Covid-19. As dificuldades enfrentadas por elas no mercado de trabalho intensificaram-se nesse período e a rotina ficou ainda mais exaustiva.

Segundo as advogadas trabalhistas Bárbara Guimarães da Fonseca, Camila Jorge e Graciane Rafisa Saliba, a junção de jornadas (laborativas, de cuidados de pessoas e de afazeres domésticos) modificou a estrutura das relações de trabalho, tornando “subjetivo o limite de horas trabalhadas, o pagamento de adicional noturno, o grau de cobrança por produtividade, entre outros” (FONSECA; JORGE; SALIBA, 2021).

No Brasil – e em diversos outros países – cabe historicamente às mulheres a maior responsabilidade pelos cuidados com a casa e com os filhos (MELO; THOMÉ, 2018). Portanto, com o fechamento de escolas e creches, as trabalhadoras que são mães ficaram ainda mais sobrecarregadas durante a pandemia.

Esse é o caso da personagem Solange, interpretada pela atriz Thati Lopes na série de vídeos “Trabalhando em Casa”, do grupo de humor Porta dos Fundos. Com o início da pandemia, do isolamento social e do *home office*, intensificou-se sua responsabilidade em relação às tarefas domésticas e ao cuidado com os filhos e o marido, preocupações somadas às de seu trabalho como secretária na empresa de venda de malas.

No terceiro vídeo da websérie (#3 O Home do Office), quando o chefe, Marcos, interpretado por Fábio Porchat, comenta sobre a necessidade de manter o decoro profissional mesmo durante o trabalho remoto, é possível perceber a situação de sobrecarga em relação à organização da casa vivenciada pela personagem:

MARCOS: (...) Não é porque a gente tá em casa que virou bagunça!

SOLANGE: Não, não. É exatamente porque eu tô em casa que virou bagunça. Puta que pariu! Eu não sei se eu tô num apartamento ou na Síria. Gente, o meu menor é do Estado Islâmico, certeza. Por exemplo, tá passando aqui na sala agora com um ferro de passar na mão. (*Sibilando com raiva para o filho*) Você larga esta merda! Se eu for aí eu vou ligar na tomada e te marcar que nem gado. (*Volta a falar com os colegas*) Segue, porque aqui é só assim... ó, (*apontando para o filho*) largou o ferro. (PORTA DOS FUNDOS, 2020)

Assim sendo, a partir do contexto citado e da série de vídeos, tendo como foco Solange, esse trabalho é dividido em três capítulos: o primeiro voltado à exaustão materna retratada de forma cômica durante a pandemia de Covid-19; o segundo aborda o impacto do trabalho remoto nesse cenário; e o terceiro trata sobre como o acúmulo de funções contribuiu para a exaustão física e mental da personagem.

O objetivo geral desse trabalho é analisar como o tema da exaustão materna é retratado pelo viés humorístico na websérie “Trabalhando em Casa”, do canal Porta dos Fundos tendo como objetivos específicos compreender que fatores são apontados como determinantes para o cansaço físico e mental da personagem Solange; investigar quais desses fatores são potencializados pelo trabalho remoto; descrever os impactos que o acúmulo de funções tem sobre a saúde mental da personagem; e identificar princípios e procedimentos adotados na produção dos vídeos a fim de gerar o efeito de comicidade.

## 1 A EXAUSTÃO MATERNA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

A exaustão materna é um assunto bastante discutido, sobretudo na internet. Além de artigos acadêmicos, notícias e depoimentos pessoais, é possível abordar o tema pelo viés da comicidade, como fez o grupo Porta dos Fundos na série de vídeos “Trabalhando em Casa”, publicada no *YouTube*. Na ficção, a personagem Solange, desde o primeiro vídeo, mostra-se cansada e irritada com o comportamento dos filhos e do marido. Em diálogo com o chefe, Marcos, a situação é apresentada da seguinte forma:

MARCOS: Cadê o pessoal, Solange?

SOLANGE: Sou a melhor funcionária aqui (*ri*). O pessoal tá atrasado, né... que nem esse pessoal (*olha para o lado, onde os filhos estão, e começa a gritar*) que tá aqui, infernizando minha vida! Que que eu falei pra vocês? Se eu for aí, eu vou botar um de frente pro outro e quem piscar primeiro vai ficar sem comer! (*Volta a olhar para a tela e fala com Marcos*) Vai, aqui tem que ser assim.

MARCOS (*desconfortável*): Eita, que doidera, né! Mas é isso aí, né... que nem o pessoal fala, né: filho... ruim com...

SOLANGE: Muito ruim, muito ruim.

MARCOS: Não, não. O pessoal fala “ruim com, pior...”

SOLANGE: É, pior, bem pior!

MARCOS: Não, esse não é o ditado, não, Solange. (PORTA DOS FUNDOS, 2020)

Dos seis vídeos da série, a sobrecarga de funções é abordada em pelo menos quatro (#1 Travou Aqui, #3 O *Home do Office*, #4 Dia de Folga e #5 *Happy Hour*), sobretudo no que diz respeito à personagem e sua relação com a casa, o marido e os filhos. É algo comum para as mulheres equilibrarem os afazeres domésticos com o trabalho, todavia, com a pandemia, essa jornada dupla intensificou-se.

Dados de um relatório realizado em 2020 pela Organização das Nações Unidas (ONU), por meio da ONU Mulheres e em parceria com a Organização Não Governamental (ONG) WomenCount, mostram que a implantação do *home office*, o ensino a distância dos filhos e a preocupação com a própria saúde e a da família durante a pandemia aumentaram o tempo gasto em cuidados não remunerados: novas tarefas, como limpar a casa (49%) e cozinhar (37%), entraram para a rotina dessas mulheres. Em comparação, apenas 33% dos homens passaram a realizar a primeira tarefa e 16% a segunda (ONU MULHERES; WOMENCOUNT, 2020).

Elas também foram as principais responsáveis pelo acompanhamento dos filhos nas aulas *on-line*, segundo o que responderam 37% das entrevistadas. Ainda segundo o levantamento, se as mulheres têm filhos, o volume de trabalho é três vezes maior em comparação com os homens (ONU MULHERES, 2020).

O fato de tantas mulheres estarem, durante a pandemia, na mesma situação que a personagem, faz com que até mesmo as palavras mais duras direcionadas às crianças possam soar cômicas para as mães que assistem. Isso porque, conforme explica o filósofo francês Henri Bergson, o riso é uma espécie de gesto social e precisa de eco. Ao mesmo tempo, esconde uma segunda intenção de entendimento e até mesmo de cumplicidade com quem também está rindo:

Já se observou inúmeras vezes que o riso do espectador, no teatro, é tanto maior quanto mais cheia esteja a sala. Por outro lado, já não se notou que muitos efeitos cômicos são intraduzíveis de uma língua para outra, relativos, pois, aos costumes e às ideias de certa sociedade? Contudo, por não se ter compreendido a importância desse duplo fato, viu-se no cômico simples curiosidade na qual o espírito se diverte, e no riso em si um fenômeno exótico, isolado, sem relação com o restante da atividade humana. (BERGSON; CAIXEIRO, 1983, p. 8)

É provável, portanto, que muitas mães que estivessem passando ou que passaram pela mesma situação de Solange fossem levadas ao riso quando a personagem diz,

por exemplo, que “é muito pior com filhos”. Isso porque, de acordo com a filósofa francesa Elisabeth Badinter, a romantização da maternidade constrói o papel da “boa mãe”, ditado como inerente a toda mulher, obrigando, de certa forma, todas as mães a amarem seus filhos de forma incondicional, independentemente de seus problemas internos ou do contexto social (BADINTER; DUTRA, 1985, p. 9). O riso, nesse caso, seria um alívio para essa mulher que está exausta e só busca alguém com quem possa conversar sem ser julgada.

Para Sigmund Freud, o humor é uma válvula de escape da psiquê, aproximando-se, de certa forma, do delírio. O criador da psicanálise considerava que, “sem dúvida, a essência do humor consiste em que alguém se livre dos efeitos que a situação teria provocado normalmente, considerando por meio de um chiste a possibilidade de semelhante desenlace emocional” (FREUD, 1976, p. 189).

No quarto vídeo, intitulado “Dia de Folga”, é possível perceber o quanto Solange está realmente esgotada por conta dessa dinâmica em família, visto que ela chega ao ponto de negar algo que muitas pessoas considerariam um benefício, isto é, um dia remunerado sem trabalho, justamente para não ter que passar mais tempo com o marido e os filhos:

(...)

SOLANGE: Marcos, estressado, pra mim, é Bernardinho na final do vôlei. Eu tô flertando com um colapso.

MARCOS: Isso. Então, por isso mesmo, é que eu e a Érica pensamos numa maneira de melhorar o seu bem-estar dentro desse *home office*.

SOLANGE: Tá, bom. Aumento?

MARCOS: Não, aumento não dá, né, Solange, porque a gente não vende mala há muito tempo.

SOLANGE: Marcos, se não é aumento, então você acelera aí, não fica de pi-pi-pi-po-po-igual Érica, não, vai logo direto no assunto.

ÉRICA: Então, Solange, a gente pensou em conjunto - não é, Marcos? - de a gente te dar um dia folga!

MARCOS: Tcharan!

SOLANGE: É o quê?

MARCOS: Folga, Solange, a gente vai te dar um dia de folga do trabalho.

SOLANGE (*brava*): Caralho. Fala baixo, porra. Vocês querem foder com a minha vida?

ÉRICA: Que isso, Solange?

SOLANGE: “Que isso” digo eu. Que folga? Vocês querem me dar folga, caralho?

ÉRICA: Pra você descansar um pouco.

SOLANGE: Se vocês me dão folga, eu vou falar o que pra minha família aqui? Que agora eu tô com tempo livre pra (*sic*) catar Lego espalhado pela sala? Que hoje vai

ter anal, porque eu tô relaxada?

MARCOS: Olha, acho que perdemos o controle...

ÉRICA: Solange, olha só. Nós, mães...

SOLANGE: Não! Não vem com esse papo de mãe, não, Érica, porque você me irrita, porque seus gatos vão deixar você ler a biografia completinha da Luisa Mell e vê 20 temporadas de Grey's Anatomy sem ter que ficar limpando papinha de banana no chão, de criança.

MARCOS: Eu achei que você ia ficar feliz, Solange.

SOLANGE: Que feliz, Marcos? Feliz, pra mim, é se eu tivesse um sábado que parecesse um sábado e não parecesse segunda. E eu não tô falando disso que tá acontecendo aí, essa coisa de quarentena, não, porque, desde que eu tive filho, pra mim, todo dia é segunda-feira.

MARCOS: Então, Solange, o que eu posso fazer pra aliviar um pouco o seu nervosismo?

SOLANGE: Adoção.

MARCOS (*confuso*): Adoção?

SOLANGE: É, Marcos, de repente você podia adotar meus filhos, aí eu ia ficar muito mais focada no trabalho.

ÉRICA: Ô, Marcos, adoção é um ato de amor.

MARCOS: Eu não posso adotar teus filhos, Solange.

SOLANGE (*desesperada*): Ô, ô Marcos, eles entram como estagiários na folha de pagamento, e ninguém vai perceber. Érica, você pode ficar com o Tulio.

MARCOS: (*sic*) Pera aí, você tá me dizendo, então, que... prefere trabalhar mais?

SOLANGE: É isso. E se (*sic*) botar reunião no domingo, é bom pra mim também.

MARCOS: Tá. Então vamos fazer o seguinte, vamos deixar tudo como tá, não vamos mexer em nada. Obrigado, então, tá? Até amanhã.

SOLANGE (*novamente desesperada*): Não, não, não, Marcos. A reunião acabou?

ÉRICA: Acabou. A gente ia falar sobre isso mesmo, Solange.

SOLANGE: Não, gente, não, não, não, não, mas a gente pode falar outra coisa.

MARCOS: Mas não tem mais nada pra falar, Solange.

SOLANGE: Mas aí a gente vê, porque sempre tem alguma coisa pra alinhar. E o Bolsonaro, hein, gente? Que que vocês acham disso... (*interrompida por Érica*)

ÉRICA: Ah, não, não, Solange, política eu não vou falar, não, desculpa, eu tenho que fazer o almoço.

SOLANGE: Érica, almoço, almoço. O que você vai fazer de almoço? Patê?

ÉRICA: Ah, Solange, tchau.

SOLANGE: Não!

MARCOS: Amanhã a gente fala então, gente.

SOLANGE: Não, Marcos, você não vai, não, você fica aí. Pelo amor de Deus, fica aí, senão eu vou ter que voltar pra eles, e eles, pra minha jugular. Fica aí.

MARCOS: Vai pro banheiro, Solange. Se tranca no banheiro.

SOLANGE: Banheiro? Que banheiro? Meu vaso tá entupido tem duas semanas, o trinco caiu, a luz queimou. Aquilo lá é uma solitária.

MARCOS: Você quer ver uma boa dica pra fazer em família? Jogar um jogo juntos.

SOLANGE (*inconformada*): Você tá de palhaçada com a minha cara, né? Você dá sorte, Marcos, que a minha mão não consegue voar por esse *wi-fi* e dar aí na tua cara.

MARCOS: Eu preciso ir, Solange. Eu preciso ir, realmente.

SOLANGE (*suplicando*): Não, não, não, ô Marcos. Quanto você quer pra ficar aí me olhando?

MARIDO DE SOLANGE: Terminou aí, benzinho?

SOLANGE (*sussurrando*): Tá vendo? Ele presente. É tipo cachorro que vê espírito. (*Gritando para o marido*) Não! Não acabou, não. Acho que tá mais ou menos no meio da reunião. Ainda tem muita coisa aqui pra resolver.

MARCOS: Tchau, Solange. Deixa eu ir, Solange.

SOLANGE (*quase chorando*): Eu te mostro o peito esquerdo.

MARCOS: Isso tá muito errado, mesmo. Deixa eu sair logo (*sai da reunião*).

SOLANGE: Escolhe. Os dois. Não, Marcos, não vai embora, não, pelo amor de Deus. Aqui, ó, ô Marcos (*começa a levantar a blusa*). (PORTA DOS FUNDOS, 2020)

Nesse vídeo, um dispositivo que gera comicidade é a quebra de expectativa, afinal, não é esperado que Solange recuse o dia de folga e muito menos peça para trabalhar mais - no fim de semana, inclusive. O riso ocorre, em um primeiro momento, porque a reação da personagem não era esperada e, em seguida, por ser considerada absurda. De acordo com Bergson, “obteremos uma expressão cômica ao inserir uma ideia absurda num modelo consagrado de frase” (BERGSON; CAIXEIRO, 1983, p. 61).

Um exemplo do que o filósofo francês teoriza é quando Solange diz que estressado, para ela, é o “Bernardinho na final do vôlei”, pois ela está, na realidade, “flertando com um colapso”. A personagem utiliza ferramentas como o deboche e hipérbole para frisar ao chefe o quanto está exausta.

Outro exemplo de ideia absurda aparece logo no começo desse quarto vídeo, quando a personagem grita aos filhos que a “Patrulha Canina morreu! Todo mundo virou sabão”, ou que a “Peppa você comeu ontem no almoço, não quis almoçar Baconzitos?”. A intertextualidade, aqui, é utilizada para gerar o riso por meio do eco e, conseqüentemente, a relação de cumplicidade com outras mães que conhecem essas animações e provavelmente já passaram por situações de estresse parecidas com seus filhos, sobretudo durante a pandemia.

SOLANGE (*entrando na chamada descabelada*): A Patrulha Canina morreu! Todo mundo virou sabão. A Peppa você comeu ontem no almoço, não quis almoçar Baconzitos? Então, ó, (*aplaudindo*) parabéns! Oi, oi gente. Segue aí que aqui é assim.

MARCOS: Tudo bem, Solange? Como é que tá aí?



SOLANGE: Não, tá tudo bem, tá tudo certo, eu descobri que meu mais velho aqui é a cruz do Romero Britto com o Pablo Picasso, me brindou com uma arte maravilhosa na parede da minha sala. E o monstro ainda teve a audácia de assinar o nome! Não se importou em se incriminar!

MARCOS (*desconcertado*): Esse corona é chato, né?

SOLANGE (*bufando*): Chato é cagar de terno. Pra mim, a definição desse corona é filho da puta! Esse vírus está desgraçando a vida da mãe brasileira.

MARCOS: Bom, Solange, só pra não tomar muito seu tempo aí, eu queria dizer que eu como chefe, e a Érica como gerente de RH, temos o compromisso de zelar pelo bem-estar dos nossos funcionários...

SOLANGE (*interrompendo Marcos, dirigindo-se gritando a um dos filhos*): Você passou Koleston na parede?! É isso que eu tô vendo aqui?! (*Levantando-se e indo até a criança*) É isso? Você sabe quanto custa um Koleston? Você sabe? Não sabe! Mas eu vou te falar que custa 20 Chamytos, 20 Chamytinhos que alguém vai deixar de tomar. Ô, Marcos, vai seguindo aí porque aqui é assim. Meu marido acabou de entrar na cozinha, inventou de fazer salsicha, tô com medo de ele botar fogo na casa inteira, porque o Túlio do jeito que - (*barulho alto de coisas caindo na cozinha*) que que é isso? Isso é de propósito, hein, Túlio? Isso é pra implicar comigo? Por que tu já não pega um copo e taca (*sic*) no chão? Melhor logo!

MARCOS (*novamente desconcertado pela situação*): Acho que é a Érica que vai falar. Fala aí, Érica! O que você ia falar?

ÉRICA: Tá. Ô, Solange, a gente vem notando que você anda um pouquinho... não sei como dizer...

SOLANGE: Desestabilizada?

ÉRICA: Não é essa palavra.

SOLANGE: Sem perspectiva de vida enquanto mãe e esposa?

ÉRICA: Não, Solange.

SOLANGE: Com a sensação de que a vida tá me punindo? (PORTA DOS FUNDOS, 2020)

Alguns fatores são determinantes para o cansaço físico e mental da personagem, como não ter uma rede de apoio, falta de cooperação do marido, bagunça que os filhos fazem na casa, insegurança por conta da pandemia, pressão para atingir metas, relação com os colegas e, por conta do *home office*, a falta de um ambiente adequado para concentração e desempenho de suas funções.

O impacto da bagunça feita pelas crianças é citado, por exemplo, quando Solange diz ter descoberto que seu filho mais velho “é a cruz do Romero Britto com o Pablo Picasso”, fazendo alusão ao fato de a criança ter riscado a parede da sala. Ao dizer que “o monstro ainda teve a audácia de assinar o nome! Não se importou em se incriminar!”, a personagem novamente quebra o estereótipo de “boa mãe” citado por Badinter e Dutra (1985), afinal, que mãe do imaginário ideal ousaria chamar seu próprio filho de “monstro” e, indiretamente, de “criminoso”?

Solange também utiliza palavrões para demonstrar sua exaustão em relação ao *home office*. Ao responder Marcos sobre o coronavírus ser chato, diz que “chato é cagar de terno. Pra mim, a definição desse corona é filho da puta! Esse vírus está desgraçando a vida da mãe brasileira”.

Além de gerar o efeito de comicidade, o uso de palavrões, de acordo com Kristy Beers Fägersten, Catherine Loveday, Karyn Stapleton e Richard Stephens, em artigo para o jornal acadêmico *The Conversation*, pode ajudar a “gerir nossas identidades e mostrar intimidade e confiança, além de aumentar a atenção e o domínio sobre outras pessoas” (FÄGERSTEN et al., 2022).

A partir dos exemplos citados, é perceptível o fato de que a exaustão materna agravada pelo trabalho remoto, mesmo quando suavizada pelo viés humorístico, é extremamente prejudicial à saúde mental das mulheres, quadro que se tornou ainda pior durante a pandemia de Covid-19 e, por consequência, pelo acúmulo de funções.

## **2 O ACÚMULO DE FUNÇÃO PARA AS MULHERES NO *HOME OFFICE***

Durante a pandemia, trabalhar em casa e realizar as tarefas domésticas levou a um aumento de funções e responsabilidades para muitas mulheres. Tal acréscimo incluiu cuidados infantis e apoio emocional aos membros da família, além das obrigações profissionais regulares. Essa sobrecarga pode levar à exaustão física e mental, afetando negativamente a produtividade e o bem-estar geral da mulher.

Conforme dados do relatório “SEM PARAR: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia”, realizado pela associação Gênero e Número e pela organização não governamental SOF Sempre Viva Organização Feminista, em 2020, o tempo estimado a mais de trabalho doméstico semanal realizado pelas mulheres, em comparativo aos homens, foi de 20 horas. Esse tempo equivale a aceitar um emprego de meio período depois de já trabalhar 40 horas semanais (GÊNERO E NÚMERO; SOF, 2023).

No período, segundo o estudo, muitas mulheres relataram que foram discriminadas em relação a promoções e oportunidades de desenvolvimento de carreira. Isso porque estavam trabalhando em casa ao mesmo tempo que cuidavam dos filhos e não estavam visíveis para seus gerentes e colegas, os quais acreditavam que elas já estavam muito ocupadas para assumir novas funções.

Na websérie do Porta dos Fundos, é facilmente possível perceber como Solange está sobrecarregada, tendo que lidar com as questões do trabalho, a insegurança gerada pela pandemia, a organização da casa e o cuidado com os filhos e marido.

No trecho a seguir retirado do quarto vídeo (#4 Dia de Folga), a questão de gênero nessa sobrecarga durante o *home office* fica bem evidente ao mostrar que Túlio, marido de Solange, além de não ajudar a cuidar das crianças, gera mais problemas para ela resolver, como sujeira na cozinha e o fato de atrapalhar suas reuniões *on-line*.

(...) Meu marido acabou de entrar na cozinha, inventou de fazer salsicha, tô com medo de ele botar fogo na casa inteira, porque o Túlio do jeito que - (*barulho alto de coisas caindo na cozinha*) que que é isso? Isso é de propósito, hein, Túlio? Isso é pra implicar comigo? Por que tu já não pega um copo e taca (*sic*) no chão? Melhor logo! (PORTA DOS FUNDOS, 2020)

A ideia de que compete à mulher o cuidado com a casa e os filhos tem por base uma estrutura patriarcal. Para Badinter e Dutra (1985), as relações de poder do patriarcado, as quais designam toda uma estrutura social originada do poder paterno, fazem com que, de forma gradativa, as mulheres sejam consideradas “bens” e que tenham seu lugar estabelecido nas estruturas sociais - filha, esposa e mãe (BADINTER; DUTRA, 1985).

Na pandemia, portanto, as mulheres tomaram para si - e a elas foi imputada - a maior parte desse zelo com a casa e as pessoas, pois está estabelecido na sociedade que esse é o papel feminino.

De acordo com Karla Valle (2020), assistente social da Coordenadoria de Saúde do Tribunal Regional do Trabalho do Rio de Janeiro (TRT-RJ) e doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), esse trabalho doméstico invisível aumenta a sensação de sobrecarga, solidão e exaustão. Segundo a autora:

As trabalhadoras se dividem em uma dupla jornada de trabalho, realizando o trabalho do cuidado doméstico, informal, ‘invisível’ e naturalizado mediante a divisão sexual do trabalho, ao tempo em que devem ser capazes de atender às exigências do seu labor formal. Tal realidade reivindica das mulheres uma permanente necessidade de controle emocional, o que eleva a tensão emocional para além da sobrecarga física. (VALLE, 2020)

Valle ainda ressalta a importância de não cobrar um aumento de produtividade das trabalhadoras que passaram a atuar de forma remota, afinal, “o teletrabalho não é uma benesse, mas o cumprimento das recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS)” (VALLE, 2020).

Apesar de não ter sido o momento correto para o aumento da cobrança de metas, muitas empresas optaram por essa abordagem justamente por verem seus resultados financeiros prejudicados.

No primeiro vídeo da série sobre *home office* do Porta dos Fundos (#1 Travou Aqui), Marcos, o chefe, não chega a cobrar os funcionários de forma agressiva, porém, a reunião é voltada a encontrar uma solução para aumentar as vendas das malas:

MARCOS: Olha só, vamos focar no trabalho, gente? Vamos focar aqui no trabalho.

HEITOR: Que trabalho, Marcos? Que trabalho? Só se a gente começar a vender mala temática do Drauzio Varella.

MARCOS: Olha aí. Então. É isso que eu queria falar. Acho ótima a tua iniciativa de ter ideia, Heitor. A gente precisa, nesse momento, ter ideia.

SOLANGE: Ah, gente, quem vai querer comprar uma mala do Drauzio Varella?

ÉRICA: Eu compraria. O Drauzio é bonitinho, ele.

SOLANGE: Mas você não é referência, né? O fundo de tela do seu celular é uma foto do Hugo Chávez, né, Érica?

ÉRICA: Eu achei que era o Amado Batista e agora não consigo tirar. Solange, por favor. Chega.

MARCOS: Gente, um momento. Olha aqui. O momento é de dificuldade e eu vou precisar falar sério com vocês agora.

HEITOR: Ai, meu Deus. Vai demitir a gente. Vai demitir a gente. Amor, vai demitir a gente aqui, meu amor.

SOLANGE: Você vai demitir a gente, Marcos?

ÉRICA: Você vai demi... Marcos?

HEITOR: Olha só, eu peço pra minha mulher comprar umas malas. Eu mesmo compro a mala do Drauzio, Marcos.

ÉRICA: Marcos, por favor. Eu tenho filho pra regar, Marcos.

SOLANGE (*gritando para o filho ou filha*): Sai daqui!

MARCOS: Não vou demitir ninguém! Olha aqui. Gente, não me enlouquece. Eu preciso é da ajuda de vocês pra conseguir vender mala no meio dessa loucura. A gente precisa de uma solução... (*barulho de descarga*) Luiz voltou aí, ó.

LUIZ: Olha só, eu... eu tenho uma ideia boa aí, ó.

MARCOS: Qual, Luiz? Fala a ideia boa.

LUIZ: Eu tenho uma ideia boa, mas eu vou precisar da ajuda de vocês.

MARCOS: É dentro da lei, Luiz? (*novamente barulho de descarga*). (PORTA DOS FUNDOS, 2020)

Embora o cargo de Solange (secretária) não esteja diretamente ligado ao setor comercial, ela participa da reunião da mesma forma e também é “cobrada” a gerar ideias para que as vendas aumentem.

É compreensível que, com as dificuldades oriundas da pandemia de Covid-19, os líderes das organizações buscassem unir as equipes e pedir pela contribuição de todos para encontrar soluções sem precisar realizar demissões, todavia, esse tipo de cobrança tende a gerar uma sobrecarga física e mental nos colaboradores, sobretudo nas mulheres e mães, como Solange, podendo desencadear transtornos mentais e distúrbios emocionais, como ansiedade e a Síndrome do Esgotamento Profissional, mais conhecida como Síndrome de *Burnout*, por exemplo.

### 3 IMPACTO DO TRABALHO REMOTO NA SAÚDE MENTAL DA MULHER

Desde o primeiro vídeo (#1 Travou Aqui), é possível perceber que a personagem Solange está desestabilizada emocionalmente por conta do isolamento social e do comportamento dos filhos e do marido.

Ela, porém, não foi a única. As mães que passaram a trabalhar em casa no período da pandemia, por conta da falta de interação social com adultos e das mudanças bruscas na rotina, sofreram com problemas psicológicos.

Um estudo do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP (IPq/HCFMUSP) identificou forte sobrecarga emocional no público feminino durante a pandemia. Das três mil pessoas entrevistadas, 83% eram mulheres, e desse total, quase metade manifestou sintomas de depressão (46,4%), ansiedade (39,7%) e estresse (42,2%).

Estabelecer limites entre o trabalho e a vida pessoal também passou a ser um problema, pois, com o escritório em casa, tornou-se difícil desconectar e relaxar adequadamente, o que pode levar a níveis elevados de estresse e ansiedade e dificultar a separação entre as responsabilidades profissionais e pessoais.

No quinto vídeo (#5 *Happy Hour*), Solange aparece na ligação de vídeo maquiada e vestida de forma festiva, animada para participar da celebração *on-line*. Porém, ainda se mostra estressada e cansada por conta de aborrecimentos domésticos.

HEITOR (*entrando na chamada de vídeo*): Opa! Que isso, hein, Solange? Tá gata, hein! É o que, concurso Miss Caxias que você tá participando?

SOLANGE: Eita porra! 40 dias que não me maquiava, que não me arrumava. Fui no meu banheiro ontem à noite, olhei no espelho de madrugada, levei um susto! Achei que era assalto (*ri*).

(...)

HEITOR: Mas tu tá (*sic*) benzão aí, hein. Como que tá? Maridão deve tá animadão.

SOLANGE: Maridão pode tá animadão, mas eu não tô, não. Porque fui eu que me arrumei, ele continua igual, tá aqui parecendo um atacante do Flamengo de 77. Outro dia o iFood entregou aqui e eu quase comi o entregador (*gargalha*)

(...)

SOLANGE (*gritando com um dos filhos*): Tu fica aí! Não chega perto. Não é porque a mamãe tá bebendo que ela não tá trabalhando. Ela tá trabalhando, sim! (FUNDOS, 2020)

Uma questão que ainda afeta o psicológico das pessoas é o padrão estético imposto pela sociedade. No quinto vídeo, mesmo com o clima descontraído e os comentários espirituosos de Solange, há um exemplo de como essa carga estética é muito mais pesada para as mulheres, com ou sem pandemia. Peso que não recai sobre

os homens da mesma forma, o que é possível perceber quando Solange comenta sobre a aparência do próprio marido, por exemplo.

Para Maria Dolores de Brito Mota, pesquisadora e doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), a beleza da mulher é considerada como um atributo e condição para o sucesso, o amor e a felicidade, “sendo produzida através de investimentos financeiros e técnicas que tornam o corpo maleável para sua adequação às formas da moda e à submissão a normas sociais correspondentes aos padrões dominantes de beleza” (MOTA, 2012, p. 90).

O fato de Solange fazer uma piada com a própria aparência física é um mecanismo de humor usado no vídeo para demonstrar que, mesmo exausta, ela ainda busca formas de relaxar, afinal, o riso diminui o nível de hormônios que geram estresse, como cortisol e epinefrina, ao mesmo tempo que aumenta a liberação de neurotransmissores e hormônios que contribuem para a sensação de bem-estar, como a endorfina e a dopamina. Sua fala sobre o entregador de aplicativo é um exemplo desse bom humor.

Não só a pressão estética é reforçada pela mídia e pela sociedade, mas também o “papel da mulher”, o qual, na pandemia principalmente, passou a ser o da pessoa responsável por tudo e todos. Esses padrões inatingíveis, tanto de beleza quanto de comportamento, criam efeitos negativos sobre a autoestima e a autoimagem das mulheres, ocasionando problemas como transtornos alimentares, ansiedade e depressão, elevados pela sobrecarga de funções gerada pelo trabalho remoto.

Ao lidar, mesmo que inconscientemente, com essa cobrança de forma bem-humorada, Solange está criando um mecanismo de defesa frente às situações caóticas nas quais se encontra, o qual, segundo Freud (1976), impede a geração de desprazer.

Em seu artigo “Humor e Psicanálise”, a psicanalista Marília Brandão Lemos Morais afirma que “o humor atua como álibi de alguma verdade do sujeito que, até então, não fora capaz de ser dita” (MORAIS, 2008). Brincando com o colega de trabalho sobre sua situação no *home office*, Solange consegue desabafar sobre seu cansaço físico e emocional.

Ademais, o trabalho emocional não deve ser deixado de lado ao falarmos sobre a relação entre a saúde mental e a exaustão materna durante a pandemia. Ainda de acordo com o relatório “SEM PARAR: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia”, é comum para as mulheres receberem mais cobranças do que os homens em relação à gentileza, bom humor e disponibilidade emocional. Todavia, essas competências não costumam aparecer em descrições de empregos, avaliações e, especialmente, no cálculo de remuneração das vagas ofertadas para mulheres (GÊNERO E NÚMERO; SOF, 2023).

Segundo as pesquisadoras Mary Ellen Guy e Meredith Newman, o trabalho emocional contribui para o aprofundamento da desigualdade salarial, afinal, por mais

exaustivo que seja para as mulheres suprir diariamente as emoções dos que estão em seu convívio, raramente esse ato é reconhecido como uma função legítima, não se refletindo nos salários e nos cargos existentes (GUY; NEWMAN, 2004).

Em 2020, um estudo publicado na revista *The Lancet*, coordenado por Alberto Filgueiras, professor do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e Matthew Stults-Kolehmainen, professor e fisiologista do *Yale New Haven Hospital*, abordou o comportamento dos brasileiros durante o isolamento devido à pandemia de Covid-19. Como resultado, foram observados que os casos de depressão quase dobraram entre os entrevistados e as ocorrências de ansiedade e estresse tiveram um aumento de 80%. Os dados analisados na pesquisa, realizada com 1.460 pessoas de 23 estados do país, mostraram ainda que as mulheres ficaram mais propensas a sofrer com estresse e ansiedade durante a quarentena (FILGUEIRAS; STULTS-KOLEHMAINEN, 2020).

Joana Singer Vermes (2022), pesquisadora do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (USP), em entrevista ao canal televisivo jornalístico CNN Brasil, elenca alguns sinais que podem indicar problemas de saúde mental. Dentre eles alguns são claramente apresentados pela personagem Solange, como irritabilidade excessiva (gritos com os filhos), diminuição importante da energia e cansaço excessivo (comentários durante as reuniões *on-line*), dificuldade de sentir prazer em atividades que anteriormente eram agradáveis (evitar ter momentos de folga para passar mais tempo com a família) e diminuição do autocuidado (comentários sobre não “se arrumar” durante o *home office*).

Com toda essa carga mental, gerada pelas responsabilidades anteriores e - principalmente - por aquelas adquiridas durante a pandemia, torna-se compreensível o comportamento de Solange em relação aos filhos e ao marido, seus gritos e rompantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo observar como o grupo de humor Porta dos Fundos retratou a rotina de mulheres mães que trabalharam de forma remota durante a pandemia de Covid-19, analisando quais mecanismos foram utilizados para gerar comicidade e quais discussões sociais puderam ser levantadas por meio do conteúdo da série de vídeos.

A partir da análise de dados e da pesquisa bibliográfica, o artigo buscou relacionar os temas abordados pela websérie com a realidade, sobretudo a das mães que trabalham. Tendo a personagem Solange como foco, foi possível demonstrar, por

meio de números e exemplos, a exaustão materna durante a pandemia e identificar princípios e procedimentos adotados na produção dos vídeos a fim de gerar o efeito de comicidade.

Inicialmente, observou-se a relação entre o cansaço materno e o humor, usando como base as teorias de pensadores como Henri Bergson e Sigmund Freud. A partir dessas análises, foi possível compreender os fatores que são apontados como determinantes para o cansaço físico e mental da personagem Solange e de que forma ela lida com essa situação. Apesar do estresse e da exaustão, Solange consegue ser espirituosa – sobretudo em relação aos colegas.

Fora abordado, também, o acúmulo de funções durante a pandemia. Ao descrever os impactos que essa sobrecarga tem sobre a saúde mental da personagem Solange, foi possível entender que alguns fatores foram potencializados pelo trabalho remoto, como a sensação de solidão e a cobrança estética, por exemplo.

Para finalizar, fora analisado o impacto que o home office teve na saúde mental da mulher durante a pandemia. Com dados referentes à saúde das brasileiras no período e trechos dos vídeos, foi possível estabelecer a importância de não se deixar de lado o valor do trabalho doméstico e frisar, de acordo com as pesquisadoras Ellen Guy e Meredith Newman, como o trabalho emocional depositado nas mulheres aprofunda a desigualdade salarial, afinal, não é algo reconhecido como uma função legítima, não se refletindo nos salários e nos cargos existentes no mercado de trabalho.



## REFERÊNCIAS

- BADINTER, E.; DUTRA, W. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BERGSON, H.; CAIXEIRO, N. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- FÄGERSTEN, K. B. et al. **The power of swearing: how obscene words influence your mind, body and relationships**. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/449rJ6f>. Acesso em: 29 jun. 2023.
- FERREIRA, I. Mulheres foram mais afetadas emocionalmente pela pandemia. **Jornal da USP**, São Paulo, 09 fev. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3rc5mPa>. Acesso em: 29 jun. 2023.
- FILGUEIRAS, A.; STULTS-KOLEHMAINEN, M. **A relação entre fatores comportamentais e psicossociais entre brasileiros em quarentena devido ao COVID-19**. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/445Csib>. Acesso em: 29 jun. 2023.
- FISCHER, A. L. et al. **Satisfação e desempenho no home office: avanços e desafios após um ano da migração**. São Paulo: FEA USP; FIA, 2021. Disponível em: <bit.ly/3CSXapk>. Acesso em: 28 jun. 2023.
- FONSECA, B. G.; JORGE, C.; SALIBA, G. R. Da sobrecarga de trabalho ao desemprego: os impactos da pandemia sobre a mulher que trabalha. **Cadernos de Direito**, Piracicaba, v. 38, n. 20, p. 141-155, jun. 2021. Disponível em: <bit.ly/3PGUV0d>. Acesso em: 29 jun. 2023.
- FREUD, S. **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GÊNERO E NÚMERO; SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA — SOF. **Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia**. São Paulo, 2023. Disponível em: <bit.ly/4362v7m>. Acesso em: 29 jun. 2023.
- GUY, M. E.; NEWMAN, M. A. Women's jobs, men's jobs: sex segregation and emotional labor. **Public Administration Review**, Washington, p. 289-298, maio 2004. Disponível em: <bit.ly/44nCEsD>. Acesso em: 29 jun. 2023.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA — IBGE. **PNAD COVID19**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <bit.ly/434zh8U>. Acesso em: 28 jun. 2023.
- MASI, D.; PALIERI, M. S. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- MELO, H. P.; THOMÉ, D. **Mulheres e poder: histórias, ideias e indicadores**. Rio de Janeiro: FGV, 2018.
- MORAIS, M. B. L. Humor e psicanálise. **Estudos de Psicanálise**, Salvador, n. 31, p. 113-123, out. 2008. Disponível em: <bit.ly/3reQPSS>. Acesso em: 29 jun. 2023.
- MOTA, M. D. B. Beleza e disciplina: panoptismo, produção e controle do corpo de modelos profissionais. **Revista IARA**, v. 5, n. 1, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3HdjCMH>. Acesso em: 28 jun. 2023.
- ONU MULHERES; WOMENCOUNT. **From insights to action: gender equality in the wake of Covid-19**. New York, 2020. Disponível em: <bit.ly/3PzH4IK>. Acesso em: 29 jun. 2023.
- PORTA DOS FUNDOS. Trabalhando em casa. **YouTube**, 18 abr. 2020. Disponível em: <http://bit.ly/3r5CxDT>. Acesso em: 28 jun. 2023.
- VALLE, K. **A pandemia de Covid-19 e a desigualdade de gênero: a mulher trabalhadora dentro e fora de casa**. 2020. Disponível em: <bit.ly/46qgY10>. Acesso em: 29 jun. 2023.
- VERMES, J. S. **Conheça sinais de que a saúde mental não vai bem**. [Entrevista concedida a] Lucas Rocha. **CNN Brasil**, 10 set. 2022. Disponível em: <https://bit.ly/46sfZx8>. Acesso em: 29 jun. 2023.